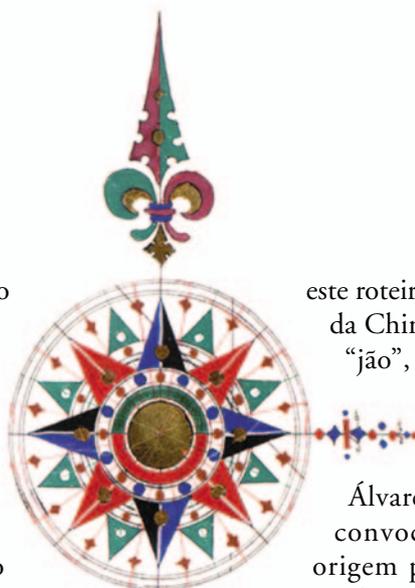


As Molucas, as Filipinas e os “Corredores” dos Mares do Sul da China na Cartografia Portuguesa entre 1537 e 1571

Representações Cruzadas de Interesses Divergentes?

IVO CARNEIRO DE SOUSA

A história da cartografia portuguesa do Sudeste Asiático e do Extremo Oriente começa a especializar-se cedo quando, entre 1511 e 1515, um jovem piloto e cartógrafo, Francisco Rodrigues, compilou cuidadosamente em precioso livro manuscrito um conjunto de informações náuticas e roteiros associado a um atlas universal, várias cartas do mundo asiático e 62 espectaculares desenhos, infelizmente inacabados, com vistas de costas das ilhas indonésias entre Alor e Java.¹ Desenhos e mapas recolhiam a experiência pessoal de Rodrigues ao lado das agitadas conquistas e explorações do governador Afonso de Albuquerque, estendendo-se desde o mar Vermelho a Malaca, incluindo igualmente a sua activa participação como piloto-mor na primeira viagem de “descobrimento” das Molucas, realizada em 1512. Apesar de menos originais, os textos náuticos e roteiros escritos pelo jovem piloto oferecem um primeiro roteiro da viagem de Malaca para a China que, intitulado precisamente *Caminho da China*, foi acrescentado no verso do fólio 37 do seu trabalho manuscrito. Trata-se de uma descrição pioneira importante em que Francisco Rodrigues vai seguindo e organizando informações inquiridas na grande cidade-porto de Malaca, talvez entre finais de 1512 e inícios de 1513. Repara-se que



este roteiro do caminho marítimo para o Sul da China utiliza uma medida denominada “jão”, de origem malaia, como, aliás, a toponímia registada,² obrigando a concluir que esta compilação se concretizou antes de Jorge Álvares visitar a China, em 1513, não convocando ainda as informações de origem portuguesa, difundidas apenas a partir de 1514.

Seja como for, é a impressionante qualidade e originalidade da cartografia de Francisco Rodrigues que inaugura verdadeiramente uma cartografia de produção portuguesa do Sudeste Asiático e dos mares do Sul da China. Assim, para além de um *Atlas Universal* de 13 cartas, exibindo uma colecção de mapas que se estende das costas da Europa Ocidental até à grande ilha de Java (fólios 18 a 30), o esforço manuscrito do jovem piloto oferece ainda outros 10 mapas do mundo asiático, combinando a sua experiência pessoal e, sobretudo, informação visitada em mapas orientais actualmente perdidos.³ Significativamente, a obra de Rodrigues preserva-se actualmente em livro manuscrito em que se copiou também a célebre *Suma Oriental* de Tomé Pires, um demorado trabalho encerrado por volta de 1515 em que se descrevem os principais tratos, populações e sociedades do mundo asiático. Esta obra

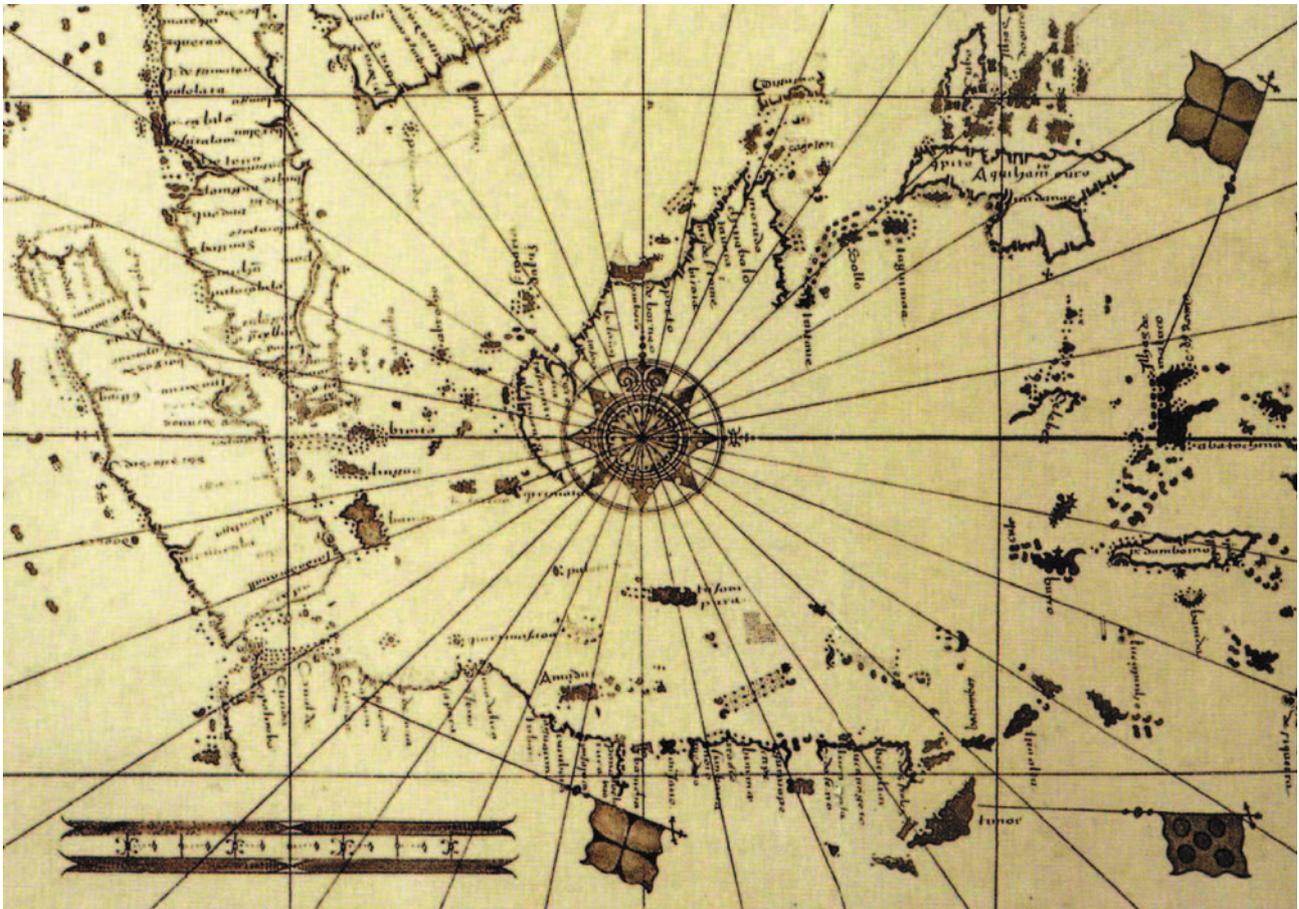
CARTOGRAFIA

comunica ainda com o *Livro* (“do que viu e ouviu no Oriente”) de Duarte Barbosa, concluído na Índia pelas mesmas datas, assim completando informação estratégica e pormenorizada sobre itinerários, produções, tratos e espaços políticos orientais. Estas três obras pioneiras dirigiram-se rapidamente para a corte manuelina e foram preservadas enquanto informação estratégica para os projectos régios nos espaços asiáticos não suscitando, por isso, difusão pública. Por isso, a cartografia portuguesa da Ásia conhecida após 1515 não mobilizou as “novidades” oferecidas pelo trabalho de Francisco Rodrigues, da mesma forma que a generosa colecção de informações da *Suma Oriental* acrescentadas ao *Livro* manuscrito do nosso piloto não se vazaram nas duas versões da obra de Tomé Pires que se conhecem, datando dos anos 20 do século XVI (a da Biblioteca Nacional de Lisboa e a que foi traduzida para italiano e impressa por

Ramusio em 1550), apresentando um texto muito mais reduzido do que o original, assim revelando o estreito controlo manuelino sobre a circulação das novas notícias cartográficas, comerciais e políticas chegadas dos espaços asiáticos.⁴ Devemos ao trabalho manuscrito de Francisco Rodrigues essa colecção de 10 mapas da Ásia que identificam os itinerários marítimos entre o Ceilão e Malaca, detalhando os espaços do mundo malaio-indonésio, mas desenhando mapas da Indonésia Oriental, das Filipinas e do Sul da China a partir de informação cartográfica e comercial asiática recolhida e adaptada em Malaca.

A cartografia portuguesa quinhentista posterior ao esforço informativo de Rodrigues, das cartas mais humildes aos grandes Atlas universais, não desenvolveu este *corpus* informativo. Em rigor, é preciso esperar mais de duas décadas para se descobrir na cartografia produzida por Gaspar Viegas, à volta de 1537, uma

Fig. 1: Anónimo, Gaspar Viegas, Sudeste Asiático, Atlas, c. 1537 (Biblioteca Riccardiana, Florença), in Armando Cortesão e Avelino Teixeira da Mota, *Portugaliae Monumenta Cartographica [PMC]*, vol. I, Lisboa: [s.n.], 1960.



primeira carta “autónoma” do Sudeste Asiático, espaço epocalmente variado e complexo que começava a receber uma interpretação culta como uma sorte de “Índias Orientais” marcadas pela insularidade e pela agitação mercantil imposta pelos ricos tráficos das especiarias da Indonésia Oriental. Observando com algum pormenor esta carta atribuída a Gaspar Viegas (Fig. 1), descobre-se uma associação competente entre o Sul da península malaia e do Vietname, desenhos completos de Samatra e representações inacabadas de Java e do Bornéu. Fechadas mostram-se as informações cartográficas de Timor, das ilhas de Banda, Amboíno e Molucas, nesta altura interpretadas como “ilhas de maluco”, centradas nas pequenas ínsulas de Ternate e Tidore. Mais para norte, a grande ilha de Mindanao assinala-se como “Aqui há muito ouro”, distinguindo-se da vizinha “Çubo”, rodeada de pequenas ínsulas designadas genericamente outras “ilhas do ouro”. Apesar de debuxados apenas pelos seus litorais norte, os desenhos de Java e Bornéu especializam uma impressionante colecção de topónimos que destaca os principais portos locais e as indicações sumárias das suas produções dominantes, informações que se fixam também tanto para Samatra como para a península malaia. Estrategicamente, enquanto uma rosa-dos-ventos colocada no centro da carta organiza tanto uma estratégia de ocultação de espaços desconhecidos quanto colabora na fixação de orientações e distâncias, dois grandes pendões com a cruz de Cristo e as quinas régias fixaram-se em Timor e no norte das Molucas “ocupando” simbolicamente extensos espaços marítimos em nome da coroa portuguesa. Em rigor, estas estratégias de ocultação e apropriação do espaço cartográfico do Sudeste Asiático recolhem as ondas de choque geradas pela viagem de Fernão de Magalhães, entre 1519 e 1522, impondo um primeiro caso de competição político-comercial entre os reinos ibéricos pela posse das Molucas e da circulação marítima entre o arquipélago que haveria de constituir as Filipinas.

Esta carta atribuída a Gaspar Viegas organiza um modelo cartográfico mas também representacional com evidente comunicação com as estratégias políticas e comerciais portuguesas no Sudeste Asiático, sublinhando duas polarizações fundamentais: a posição centrípeta de Malaca e a posição centrífuga das Molucas. Enquanto Malaca constitui o nó central das posições portuguesas neste vasto espaço do Sudeste Asiático, a construção de uma fortaleza portuguesa nas

Molucas, em Ternate, em 1522, responde mais, entre tratos e urgências, a essas consequências competitivas da grande viagem de Magalhães. Com efeito, desde o achamento das ilhas de Banda pela expedição portuguesa de 1512, dirigida por António Abreu e Francisco Serrão, a visita anual a estes espaços bastava para carregar as especiarias das ilhas das Drogas, incluindo o precioso cravinho das Molucas. Transportado por embarcações locais para Banda, estas ricas especiarias somadas ao sândalo branco de Timor carregavam-se e vendiam-se lucrativamente em Malaca sem a necessidade de mobilizar investimentos densos na fixação política portuguesa nos locais de produção no norte das Molucas, sobretudo entre Ternate e Tidore.⁵

A seguir, após a erecção de uma fortaleza e instalação de uma capitania portuguesa em Ternate, o interesse estratégico do Norte das Molucas e o seu abastecimento alimentar obrigam a sucessivos investimentos portugueses na identificação e circulação nas ilhas que, centradas em Mindanao, acabariam por fazer parte das futuras Filipinas, espaço tanto de resgates alimentares como de compra dos escravos necessários para suprir a crónica escassez de mão-de-obra nos transportes marítimos, no trabalho artesanal, servil e doméstico da presença portuguesa regional. Visitadas com as explorações dirigidas por Simão de Abreu, em 1523, e D. Jorge de Meneses, em 1526, Mindanao e os espaços insulares adjacentes são sistematicamente identificados durante a viagem de Simão de Vera que, em 1528, encontraria mesmo a morte na grande ilha do Sul das Filipinas.⁶ Neste período, o arquipélago testemunha novas chegadas espanholas com as viagens de Garcia Jofre Loáisa, em 1526, e de Álvaro de Saavedra, em 1528, obrigando a presença portuguesa na região centrada na fortaleza erguida em Ternate desde 1522 a investir em novos esforços de reconhecimento do sul das Filipinas.

Ao mesmo tempo, a coroa via-se quase rendida a assinar o tratado de Zaragoza, em 1529. Rememore-se que, neste difícil acordo, a Espanha desistia das suas pretensões sobre as Molucas, vendendo a Portugal todo o “direito, acção, domínio, propriedade e posse ou quase posse de todo o direito de navegar, contratar e comerciar que o Imperador e Rei de Castela tivesse e pudesse ter nas ilhas, lugares, terras e mares de Maluco pelo preço de 350 000 ducados de ouro”. Acrescentava, contudo, o tratado que se o imperador e os seus sucessores quisessem restituir o pagamento, ficaria

CARTOGRAFIA

desfeita a venda e cada parte retomaria o seu “direito de acção”. Em termos mais concretos, estabelecia-se ainda que o rei de Portugal não podia mandar levantar nas Molucas nem em 20 léguas em seu redor qualquer fortaleza. De qualquer modo, este estranho tratado em que o rei de Portugal comprava direitos que já lhe pertenciam pela vetusta demarcação de Tordesilhas alargava a exclusividade da circulação marítima portuguesa até 297,5 léguas a oriente das Molucas, definindo um novo meridiano passando pelas ilhas de Velas e São Tomé, o que passava a colocar também as Filipinas ainda mais claramente no interior da zona de influência portuguesa. Em consequência, a presença comercial, política e militar portuguesa nas Molucas procurou consolidar tratos e alianças em Mindanao que parece terem alcançado alguma comunicação com as explorações de João da Canha Pinto, em 1535. Nesta altura, era já claro que os portugueses das Molucas tinham especializado uma estrutura de trocas, cambiando produtos manufacturados e têxteis asiáticos por abastecimentos alimentares, sobretudo arroz, frutas e carnes. Este jogo de trocas incluía ainda, para além do resgate comercial de escravos, o recrutamento de mercenários que, habituados a circular entre os conflitos regionais, se mostravam importantes na defesa das fortalezas e das forças navais portuguesas entre Malaca e as Molucas. Esta frequência de trocas conduziu mesmo à celebração das primeiras alianças políticas com reis locais de Mindanao mobilizando o sistema tradicional de dádivas e juramento de sangue que devem ter consolidado os escambos estruturados com alguma demora entre a fortaleza portuguesa de Ternate e o Sul das futuras Filipinas.

Reproduzindo o modelo habitual da acumulação de estádios de contacto lusos na Ásia, após os tratos e as alianças políticas seguiam-se os inevitáveis esforços de evangelização com a sua projecção não apenas religiosa, mas também debruçada sobre os espaços do poder. Intensificando estes contactos e alianças, a missão de Francisco de Castro, em 1538, alargou o conhecimento geográfico do arquipélago contando com o apoio interessado do activo capitão da fortaleza de Ternate, António Galvão. Nas suas próprias memórias e crónicas, o capitão português recordava as numerosas conversões ao catolicismo, indicando que nas ilhas a mais de 200 léguas da fortaleza de Ternate “seis reis e rainhas, príncipes, infantas e outros grandes

senhores” haviam abraçado a fé cristã.⁸ Apesar de se encontrarem praticamente por identificar, estes primeiros esforços de conversão religiosa católica devem ter-se concentrado na ilha de Mindanao, concretizando esse modelo verticalista que dominava uma evangelização procurando assegurar a adesão dos grupos mais elevados locais e, a partir deles, assegurar a rendição ao cristianismo das suas populações. Mais tarde, a partir de 1543, a competição ibérica nas Filipinas intensifica-se cruzando as explorações de Ruy Lopes de Villalobos com as campanhas portuguesas de António de Almeida e Belchior Fernandes em direcção a Mindanao. Em seguida, tentando defender a comunicação política e comercial entre a presença portuguesa nas Molucas e o interesse da periferia “filipina”, a viagem dirigida em 1545 por Pêro Fidalgo alcança a ilha de Luzón, movimentações portuguesas que não impediram a fixação espanhola na ilha de Cebu, organizada por Miguel López Legazpi. Finalmente, a armada importante comandada por Gonçalo Pereira Marramaque⁹ enviada em 1566 pelo vice-rei D. Antão de Noronha de Goa para Malaca e as Molucas mostrou-se incapaz nos dois anos seguintes de contrariar, entre negociações e ataques, as posições fortificadas espanholas em Cebu, depois ampliadas em 1571 com a conquista de Manila e a expulsão do seu sultão, consolidando o processo de integração do arquipélago no mundo colonial espanhol.

As cartas e atlas que se sucedem ao trabalho atribuído a Gaspar Viegas reflectem estes investimentos estratégicos, mas também os seus limites e concorrências, cruzando uma progressiva qualificação do mundo malaio-indonésio e dos mares do Sul da China à ligação entre as Molucas e as futuras ilhas das Filipinas. Assim, uma carta anónima de cerca de 1540 continuava a exhibir dificuldades em encerrar os desenhos de Java, Bornéu e, mais ainda, Sulawesi, mas especializava a informação geográfica tanto o mundo insular regional das Molucas como o apuramento de Mindanao e dos grupos insulares adjacentes. Esta economia representacional persiste, cinco anos volvidos, num planisfério anónimo de cerca de 1545 (Fig. 2) em que a noção excessivamente geral de Ásia se casa com a ocultação agora promovida por sortes de “guerreiros” locais empunhando escudos com as armas régias portuguesas entre palmares e oásis que se estendem até ao grande Império do Meio, ainda deficientemente identificado.

CARTOGRAPHY



Fig. 2: Anónimo, Europa, África e Ásia (detalhe), Planisfério, c.1545 (Österreichische Nationalbibliothek, Viena), in *PMC*, I.

CARTOGRAFIA

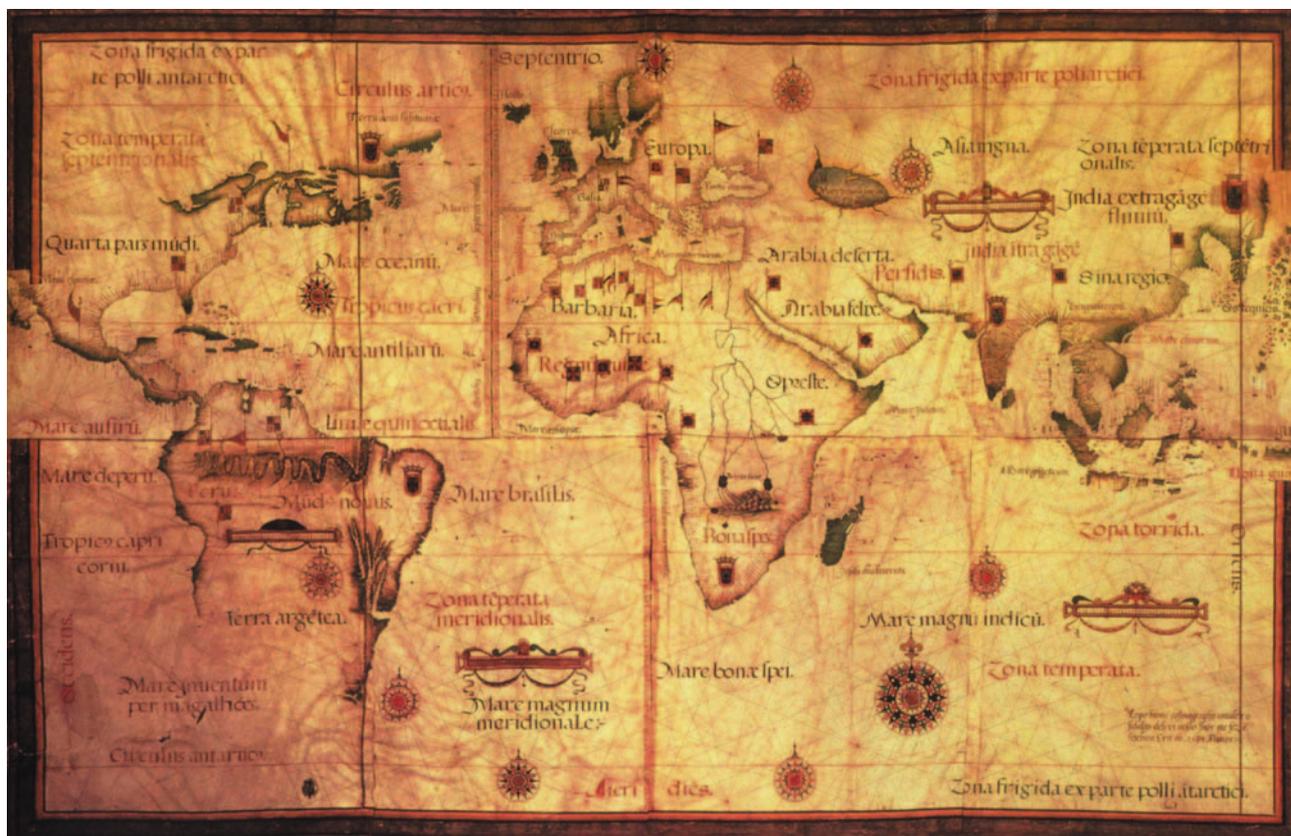


Fig. 3: Lopo Homem, Planisfério de 1554. Cortesia do Istituto e Museo di Storia della Scienza, Florença.

As relações entre o mundo do Sudeste Asiático e as novas vantagens dos tratos do Japão abertos ao longo da década de 1540 permitem descobrir renovados investimentos cartográficos portugueses preservando a estrutura da informação anterior, mas especializando um mais claro entendimento do papel focal dos mares do Sul da China e debatendo entre ilhas mil a situação do arquipélago nipónico. No belíssimo planisfério feito em 1554 por Lopo Homem (Fig. 3) volta a descobrir-se que Java, Bornéu e Sulawesi ainda não se encerraram em desenho definitivo, contrastando com o esclarecimento mais pormenorizado do mundo das especiarias das Molucas, dos tratos dos sândalos de Timor e do interesse periférico de Mindanao e das suas ilhas adjacentes. Os “Lequios” que se discutem em torno do Japão aparecem agora espalhados por um fragmentado mundo insular próximo da península da Coreia que, concretizando essas simbólicas estratégias de apropriação do espaço ao gosto do príncipe, recebe o seu brasão com as armas régias portuguesas espalhadas também pela China, pelo golfo de Bengala e pela Índia.

Esta estruturação cartográfica persiste ainda no Atlas de 1558 de Diogo Homem (Fig. 4), mas inserindo mais firmemente o Sudeste Asiático no contexto dos mares do Sul da China (“mare chimorum”), agora dominando esta parte da carta em que se destaca também estrategicamente pela dimensão a legenda “Malucos”. Perderam-se pendões e brasões régios, mas uma constelação de montanhas consegue criar a ocultação necessária sobre a ignorância do interior da China e mesmo da Ásia Central para convidar os observadores colocados nas cortes e chancelarias de Lisboa a reordenar estes espaços em função da ordem dos tratos e da comunicação marítima entre os enclaves progressivamente mais coloniais da rede portuguesa nesta parte mais longínqua da Ásia.

Esta ordem representacional parece estribar a prolixa produção cartográfica portuguesa da década de sessenta do século XVI, mas concretizando alguns quase estranhos erros na ordem da distribuição geográfica dos espaços insulares de comunicação entre o Sudeste Asiático e os mares do Sul da China. Assim,

CARTOGRAPHY



Fig. 4: Diogo Homem, Sudeste Asiático (detalhe), Atlas de 1558 (British Library, Londres), in *PMC*, II.

CARTOGRAFIA



Fig. 5: Anónimo, Ásia (detalhe), Planisfério, c. 1560 (Biblioteca Valliceliana, Roma), in *PMC*, II.

um planisfério anónimo de cerca de 1560 (Fig. 5) reproduz novamente as relações e descrições anteriores: Java ainda não se fechou, tal como a grande ilha do Bornéu, mas Sulawesi dividiu-se, Celebes para um lado, Macassar para outro. Fractura que também se observa no Atlas atribuído a Bartolomeu Velho (Fig. 6),

fugindo o desenho de Macassar para o norte do Bornéu que, finalmente se fechou, mantendo-se persistente a ligação entre as Molucas e Mindanao quando ocorriam os afrontamentos derradeiros da circulação ibérica no arquipélago que se começava a baptizar de Filipinas.

CARTOGRAPHY

Neste período, tinham-se já acumulado algumas décadas de tráficos portugueses em várias ilhas do Sul da China em associação ao intenso contrabando com comerciantes sínicos das regiões de Guangdong e de Fujian. Estes riquíssimos tratos que mobilizavam muitos comerciantes e aventureiros privados, tantas vezes promovendo escambos longe do controlo oficial do chamado “Estado da Índia”, devem ter identificado o comércio florescente da prata japonesa com a China que abria novas possibilidades de inserção portuguesa em estruturas económicas em pleno andamento. Assim, entre 1542 e, documentadamente, desde 1543, embarcações portuguesas chegam às ilhas Ryukyu e conseguem desembarcar em Tanegashima para inaugurarem um continuado comércio com o arquipélago nipónico reunindo tanto navegações em

juncos chineses quanto em embarcações próprias, mas muitas vezes guiadas por pilotos chineses. Firmando um processo com evidente continuidade estratégica, um ou dois *kurofune* – os “navios negros” – passam a escambar com regularidade anual as sedas e porcelanas chinesas em troca das barras de prata japonesa.¹⁰ Trata-se de um processo que, desde os horizontes de 1557, beneficia da fixação portuguesa em Macau, escorando uma comunicação comercial mais do que lucrativa, assegurando provavelmente nos seus primeiros 40 anos carregamentos de prata japonesa no valor talvez de 500 000 cruzados, crescendo para 600 000 entre 1583-91 e alcançando um milhão no primeiro quartel do século XVII, duplicando de 13 para 26 toneladas.¹¹ Os lucros pingues destes escambos transformam estas viagens comerciais, desde cerca de 1550, num

Fig. 6: Anónimo, Bartolomeu Velho, Sudeste Asiático (detalhe), Atlas, c. 1560 (The Huntington Library, San Marino, California), in *PMC*, II.



monopólio que, sob o controlo de um capitão-mor, é distribuído por concessão régia pelos vice-reis e governadores que procuram privilegiar os serviços desses militares e funcionários que sustentavam o “Estado da Índia”. A seguir, as viagens passam mesmo a ser vendidas, geralmente por negociação fixa, chegando a sua concessão a ser leiloadada já pela primeira metade do século XVII. O longínquo monarca lusitano chegou a doar estas viagens a instituições municipais – como as de Cochim, Chaul, Malaca ou mesmo Macau – e presenteou também servidores elitários, mobilizados por uma viagem em que também os fretes particulares concorriam para os seus fundos lucros.

É provavelmente a importância destes tratos e da recente autorização para a fixação de comerciantes portugueses em Macau que poderá concorrer para explicar uma súbita alteração radical neste lento, mas seguro, processo de especialização cartográfica portuguesa do Sudeste Asiático e do Extremo Oriente. No belíssimo *Livro de Marinharia* anónimo de cerca de 1560 (Fig. 7), o desenho da ilha de Bornéu ainda não se fechou, mas as ilhas das Filipinas, desde os horizontes de Palawan, uniram-se súbita e estreitamente até chegarem à “costa de luçõis”: esta carta passa agora a exibir um equívoco corredor de ilhas assinalando enquanto “avenida” marítima o caminho para o Sul da China. Ao mesmo tempo, quase concorrentialmente, Diogo Homem continuava o seu criterioso trabalho de especialização do Sudeste Asiático. A sua cartografia ainda não conseguiu fechar um detalhado Bornéu no seu Atlas de 1561, aperfeiçoou-se a informação de Mindanao, não se resolvendo o problema de um Sulawesi fracturado em duas partes, mas ampliando-se em relação ao seu trabalho de 1558 a dimensão de uma Nova Guiné invadindo o Pacífico juntamente com um concorrential pendão com as armas de Castela.

Esta competição pela representação deste espaço extremo-oriental aprofunda-se com o Atlas de aparato de Lázaro Luís, datável de 1563 (Fig. 8). Orientando legendas e espaços no sentido sul/norte, a grande região insular e marítima asiática encontra-se nitidamente dominada pelos mares do Sul da China e, mais ainda, pela encenação de uma cidade de Cantão como uma sorte de “Veneza”. Neste caso, o modelo de corredor

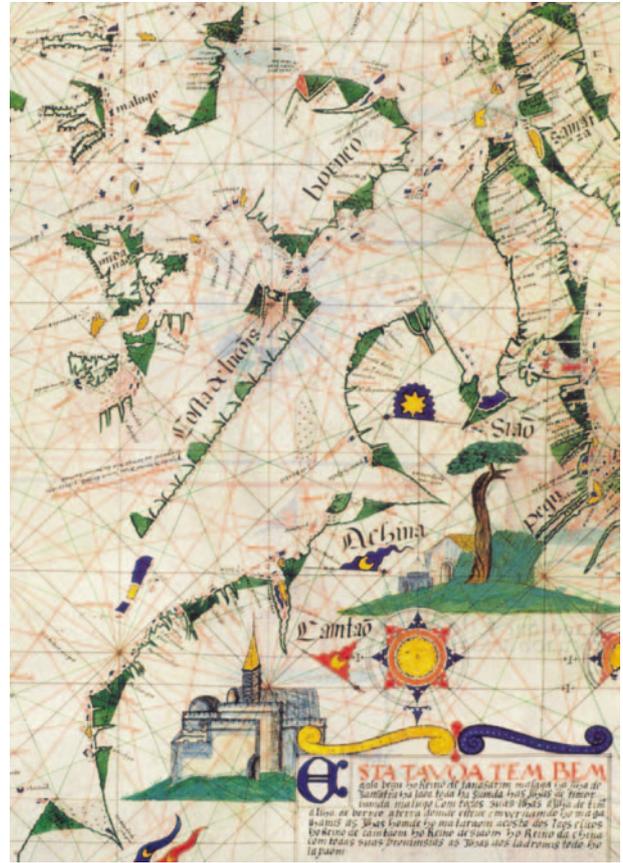


Fig. 8: Lázaro Luís, Sudeste Asiático e Sul da China, Atlas de 1563 (Academia das Ciências de Lisboa), in *PMC*, II.

volta a sublinhar uma “costa dos luções” estendendo-se rectilinearmente de forma exacerbada entre Palawan e a “ilha Formosa”. Com esta encenação, o que se mostra cartograficamente mais relevante é que todo o Sudeste Asiático caiu esmagado nos braços do Sul da China que passa a dominar a geografia de uma vasta região de tratos e navegações compósitas.

A competição entre dois modelos instala-se na cartografia portuguesa. Sebastião Lopes, no Atlas de 1565, exagera e amplia o modelo em corredor de uma longa “costa de luções”, alinhando o caminho para uma cidade de Cantão que domina e oculta toda a “Tartaria”. Convenientemente, um junco chinês vigia junto a este corredor. Mais abaixo, o Bornéu está quase a fechar-se, as Celebes investigam-se e o “maluco” apenas se acompanha por uma única ilha mais a norte, Mindanao. Em contraste, Diogo Homem mantém em duas cartas do seu Atlas de 1568 todas as pormenorizações anteriores, mas alarga a dimensão da Nova

Fig. 7: Anónimo, Sudeste Asiático, *Livro de Marinharia*, c. 1560 (Arquivo Histórico do Ministério das Finanças, Lisboa), in *PMC*, I.

CARTOGRAFIA



Fig. 9: Fernão Vaz Dourado, Sudeste Asiático, Atlas de 1571 (Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo, Lisboa), in *PMC*, III.

Guiné num Pacífico em que domina o desenho de uma baleia que, muito mais tarde, já pelos finais do século XVIII e princípios do século XIX, ajudaria a mobilizar uma primeira emigração de pescadores açoreanos em direcção ao Pacífico, sobretudo em torno dessas ilhas Sandwich que se tornariam no famoso arquipélago do Hawaii.

Finalmente, esta competição cartográfica tem um vencedor oficial. Em 1571, o Atlas de Fernão Vaz Dourado (Fig. 9) com o seu aparato ao gosto do rei consagra uma carta ao Sudeste Asiático em que esse corredor de ilhas entre Palawan e Taiwan sublinha o interesse maior de uma nova polarização comercial e política centrada nos tratos do Sul da China e no opulento escambo da prata japonesa. Um pendão régio do monarca português voou convenientemente para o Japão. Por isso, em 1584, quando foram recebidos em

Lisboa quatro jovens “príncipes” japoneses – Mancio Ito, Miguel Chijawa Seiyemon, Julião Nakaura e Martinho Hara – foi o trabalho cartográfico de Dourado que serviu para ilustrar tanto a posição geográfica do Japão como o seu interesse estratégico nos investimentos comerciais, políticos e missionários portugueses.¹²

Ao contrário, nos criteriosos Atlas desenhados por Diogo Homem em 1558, 1561 e 1565, ampliando as competências do grande planisfério feito pelo seu pai, Lopo Homem, em 1554, a pormenorização das Filipinas é alargada, legendada e destacada como espaço relevante para a circulação e exploração marítimas portuguesas. Talvez não por acaso, Lopo Homem havia sido um dos principais cartógrafos que representaram os interesses do rei de Portugal nas conversações de Elvas-Badajoz, em 1524, chegando mesmo a defender

com evidente exagero, cinco anos mais tarde, que as Molucas se encontravam 400 léguas dentro da demarcação portuguesa, assim tentando arrastar toda a região insular do Sudeste Asiático para a esfera da exclusividade de circulação marítima portuguesa. Muito menos por acaso, o seu filho Diogo Homem haveria de se ver forçado a exilar-se cerca de 1547, recebendo em Inglaterra e, depois, significativamente, em Veneza as informações de comerciantes e agentes portugueses e europeus que sublinhavam o grande

interesse comercial dessas ilhas mil que se estendiam de Java às Filipinas. A questão que importa investigar futuramente consiste em procurar saber se este debate cartográfico se pode explicar apenas, quase ingenuamente, pela “ignorância” ou “desconhecimento” geográficos ou se esconde, mais complexamente, uma outra competição entre interesses privados e oficiais portugueses na ordem da movimentação e das comunicações comerciais no Sudeste Asiático e no Extremo Oriente. **RC**

NOTAS

- 1 *A Suma Oriental de Tomé Pires e o Livro de Francisco Rodrigues*, leitura e notas de Armando Cortesão. Coimbra: Acta Universitatis Conimbrigensis, 1978.
- 2 Rui Manuel Loureiro, *Fidalgos, Missionários e Mandarins: Portugal e a China no Século XVI*. Lisboa: Fundação Oriente, 2000, p. 143.
- 3 José Manuel Garcia & Ivo Carneiro de Sousa, *The First Portuguese Maps and Sketches of Southeast Asia and the Philippines 1512-1571*, [s.l.], CEPESA, 2002.
- 4 Rui Manuel Loureiro, *O Manuscrito de Lisboa da 'Suma Oriental' de Tomé Pires*, Macau: Instituto Português do Oriente, 1996, pp. 37-43.
- 5 Vitorino Magalhães Godinho, *Os Descobrimientos e a Economia Mundial*, III, Lisboa: Ed. Presença, 1982, pp. 135-158.
- 6 Seguimos e resumimos José Manuel Garcia, *As Filipinas na Historiografia Portuguesa do Século XVI. Philippines in Portuguese 16th century historiography*, Lisboa: CEPESA, 2003.
- 7 Ivo Carneiro de Sousa, *Maritime Power, Trade and Rigths in Portuguese Presence in Asia*. Lisboa: CEPESA, 2005.
- 8 António Galvão, *Tratado dos Descobrimientos*, (edição de Visconde de Lagoa), Porto: Livraria Civilização Editora, 1987 [1563]; António Galvão, *Treatise on the Molucas (c. 1544): Probably the preliminary version of António Galvão's lost História das Molucas* (edição de Hubert Jacobs), Roma: Jesuit Historical Institute, 1971.
- 9 M. Augusta Lima Cruz, “A viagem de Gonçalo Pereira Marramaque do Minho às Molucas ou os itinerários da fidalguia portuguesa no Oriente”, in *Studia*, Lisboa, n.º 49 (1989), p. 315-340.
- 10 Vitorino Magalhães Godinho, *op. cit.*, p. 137.
- 11 Vitorino Magalhães Godinho, *op. cit.*, p. 138.
- 12 *Ambasceria d'ère giapponesi al Summo Pontifice estratta dal libro i delle opere sul Giappone del padre Daniello Bartoli D. C. D. G.*, Nápoles: Stabilimento Tipografico di Andrea Festa, 1851; G. Bercht “Documenti del saggio storico sulle antiche ambasciate giapponesi in Itália”, *Archivio veneto*, volume XIV, 1877; G. Gutiérrez, *La prima ambasceria giapponese in Italia. Dall'ignorata cronaca di un diarista e cosmografo milanese del XVI secolo (Cronaca di Urbano Monte)*, Milão: 1938; J. A. Pinto & Henri Bernard, “Les Instructions du Père Valignano pour l'ambassade japonaise en Europe”, *Monumenta Nipponica*, vol. VI, 1943, pp. 395-396; Carlos Francisco Moura, “Notícias da visita feita a algumas terras do Alentejo pela primeira embaixada japonesa à Europa (1584-1585)”, *A Cidade de Évora*, Évora, n.º 51-52, 1968-1969; A. Boscaro, “The first japanese ambassadors to Europe. Political background for a religious journey”, Tóquio: Kokusai Bunka Shinkokai, *Bulletin*, n.º 103, 1970; *idem*, “Sixteenth century european printed works on the first japanese mission to Europe”, Leiden: E. J. Brill, 1973; Maria Manuela Silva & José Marinho Álvares, “A primeira embaixada japonesa à Europa, 1582-1586: significado epocal da viagem”, in *Ensaio Luso-Nipónico*, Lisboa, [s. n.], 1986; Diego Yuuki, *Os Quatro Legados dos Daimios de Quiuxu após Regressarem ao Japão*, Macau, Instituto Cultural de Macau, Serviços Culturais da Embaixada de Portugal em Tóquio, Câmara Municipal de Omura, 1990.

REFERÊNCIAS

Fontes

- Barros, João de, 1988-2001, *Ásia de João de Barros*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 4 vols. [1552, 1563, 1615].
- Castanheda, Fernão Lopes de, 1979, *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses* (edição de M. Lopes de Almeida), Porto, Lello & Irmão Editores, 2 vols. [1551 e 1561].
- Castro, Afonso de, 1867, *As Possessões Portuguezas na Oceania*, Lisboa, Imprensa Nacional.
- Cortesão, Armando, 1944, *The Suma Oriental of Tomé Pires. An Account of the East From the Red Sea to Japan written in Malacca and India in 1512-1515, and the Book of Francisco Rodrigues*, London, Hakluyt Society.
- _____, 1978, *A Suma Oriental de Tomé Pires e o Livro de Francisco Rodrigues*, Coimbra, Universidade de Coimbra.
- Correia, Gaspar, 1975, *Lendas da Índia*, (edição de M. Lopes de Almeida), Porto, Lello & Irmão Editores, 4 vols.
- Couto, Diogo do, 1974-1975, *Dos Feitos, que os Portugueses Fizeram na Conquista, e Descobrimento das Terras, e Mares do Oriente* [ed. de Nicolau Pagliarini, Lisboa, Régia Oficina Tipográfica,

CARTOGRAFIA

- 1778-1788, 15 volumes], ed. fac-similada, Lisboa, Livraria Sam Carlos.
- Forbes, Henry O., 1885, *A naturalist's wonderings in the Eastern Archipelago: A Narrative of Travel and Exploration from 1878 to 1883*, New Yorker, Harper & Brothers.
- Galvão, António, 1987, *Tratado dos Descobrimentos*, (edição de Visconde de Lagoa), Porto, Livraria Civilização Editora [1563].
- _____, 1971, *Treatise on the Molucas (c. 1544): Probably the preliminary version of António Galvão's lost História das Molucas* (edição de Hubert Jacobs), Roma, Jesuit Historical Institute.
- Gonçalves, Sebastião, 1957-1962, *Primeira Parte da História dos Religiosos da Companhia de Jesus nos Reinos e Províncias da Índia Oriental*, (ed. José Wicki), Coimbra, Atlântida.
- Hartmann, A., 1967, "The Augustinians in Golden Goa according to a manuscript by Félix de Jesus", in *Analecta Augustiniana*, XXX, pp. 5-174.
- Jacobs, Hubert, 1988, *The Jesuit Makassar Documents*, Roma, Jesuit Historical Institute, pp. 152-157.
- Sá, Artur Basílio de, 1955, *Documentação para a História das Missões do Padroado Português do Oriente: Insulíndia*, Lisboa, Agência Geral do Ultramar, 1955, vol. 3, pp. 192-343.
- _____, 1955, *Documentação para a História das Missões do Padroado Português do Oriente: Insulíndia*, Lisboa, Instituto de Investigação Científica Tropical, 1988, vol. 6, pp. 163-294.
- Santos, Frei João dos, 1609, *Etiópia Oriental e Vária História de Cousas Notáveis do Oriente*, Évora, Manoel de Lyra.
- Soledade, Frei Fernando da, 1705-1721, *História Seráfica Cronológica da Ordem de S. Francisco na Província de Portugal*, Lisboa, 1705-1721.
- Sousa, Francisco de, 1710, *Oriente Conquistado pelos Padres da Companhia de Jesus da Província de Goa*, Lisboa, Valentim da Costa Deslandes.
- Sousa, Frei Luís de, 1977, *História de S. Domingos*, (ed. M. Lopes de Almeida), Porto, Lello & Irmão-Editores, 2 vols.
- Trindade, Frei Paulo da, 1962-1967, *Conquista Espiritual do Oriente*, (ed. F. Félix Lopes), 3 vols., Lisboa, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos.
- Vitória Francisco de, 1960, *Relecciones Teológicas*, Madrid, BAC.
- Wallace, Alfred Russel, 2000, *The Malay Archipelago*, Singapura, Periplus.
- Díaz-Trechuelo, María Lourdes, 1973, "Filipinas y el tratado de Tordesillas", in *El Tratado de Tordesillas e su proyeccion*, Valladolid, tomo I, pp. 229-240.
- Emmerson, Donald K., 1984, "Southeast Asia. What's in a Name", in *Journal of Southeast Asian Studies*, 15, pp. 1-21.
- França, António Pinto da, 2000, *Pengaruh Portugis di Indonesia*, Jakarta, Pustaka Sinar Harapan.
- _____, António Pinto da, 2003, *A Influência Portuguesa na Indonésia*, Lisboa, Prefácio.
- Garcia, José Manuel, 2003, *As Filipinas na Historiografia Portuguesa do Século XVI. Philippines in Portuguese 16th century historiography*, Porto, CEPESA.
- Garcia, José Manuel & Sousa, Ivo Carneiro de, 2003, *The First Portuguese Maps and Sketches of Southeast Asia and the Philippines 1512-1571*, [s.l.], CEPESA, 2002.
- Godinho, Vitorino Magalhães, 1982, *Os Descobrimentos e a Economia Mundial*, III, Lisboa, Ed. Presença.
- Lombard, Denys, 1990, *Le carrefour javanais. Essai d'histoire globale*. Paris, EHESS, 3 vols.
- Marques, João Francisco, 1989, *A Parenética Portuguesa e a Restauração*. Porto, Centro de História da Universidade do Porto/INIC.
- Merêa, Paulo, 1937, "Os juristas portugueses e a doutrina do *mare clausum*", in *Novos Estudos de Direito*, Barcelos.
- Mulder, Niels, 2000, *Inside Southeast Asia. Religion, Everyday Life, Cultural Change*, Chiang Mai, Silkworm Books.
- Rego, António da Silva, 1940, *O Padroado Português no Oriente*, Lisboa, Agência Geral das Colónias.
- Santa Maria, Carmelo Saenz de, 1973, "Cortes y Alvarado en busca de la especiería", in *El Tratado de Tordesillas e su proyeccion*, Valladolid, tomo I, pp. 211-227.
- Santos, João Marinho dos, 1998, *A Guerra e as Guerras na Expansão Portuguesa (Séculos XV e XVI)*. Lisboa, Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.
- Sar Desai, D. R., 1997, *Southeast Asia. Past & Present*, Colorado, Westview Press.
- Sousa, Ivo Carneiro de & Leirissa, R. Z., 2001, *Indonesia-Portugal: Five Hundred Years of Historical Relationship*, Lisboa, CEPESA.
- Steinberg, David Joel (ed.), 1987, *In search of Southeast Asia*, Honolulu, University of Hawaii Press.
- Suárez, Thomas, 1999, *Early Mapping of Southeast Asia*, Singapura, Periplus.
- Tjandrasmita, Uka, 2001, "The Indonesian harbour cities and the coming of the Portuguese", in Sousa, Ivo Carneiro de & Leirissa, R. Z., *Indonesia-Portugal: Five Hundred Years of Historical Relationship*, Lisboa, CEPESA.
- Vale, A. M. Martins do, 2002, *Entre a Cruz e o Dragão. O Padroado Português na China no Século XVIII*, Lisboa, Fundação Oriente.
- Winichakul, Thongchai, 1998, *Siam Mapped. A History of the Geobody of a Nation*, Chiang Mai, Silkworm Books.
- Wong, R. Bin, 2001, "Entre monde et nation: les régions braudeliennes en Asie", in *Annales. Histoire, Sciences Sociales*, 56, pp. 5-41.

Bibliografia